

CHARLES PINCOURT *JAMES LINDSAY*

COMO DESARMAR A CULTURA **WOKE**



**MANUAL DE CAMPO
PARA RECUPERAR
O BOM SENSO.**



**COMO DESARMAR
A CULTURA
*WOKE***

CHARLES PINCOURT JAMES LINDSAY

COMO DESARMAR A CULTURA WOKE

***MANUAL DE CAMPO PARA
RECUPERAR O BOM SENSO.***

Tradução
FÁBIO ALBERTI



SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
1. ENTENDENDO O WOKE.	13
1.1 O que é woke?	13
1.2 A visão de mundo woke	13
1.3 O éthos <i>woke</i>	16
1.4 A opressão é uma sequência contínua.	17
1.5 O projeto político <i>woke</i>	19
1.6 Tipologia dos participantes relacionados ao <i>woke</i>	20
2. O ESTRATAGEMA WOKE.	24
2.1 Os principais conceitos do estratagema <i>woke</i>	24
2.2 Princípios do estratagema <i>woke</i>	27
2.3 As principais ferramentas do estratagema <i>woke</i>	30
2.4 Microtáticas <i>woke</i>	32
2.5 Resumo das microtáticas <i>woke</i> : subterfúgio, apoio excessivo e eliminação da dissidência.	48
2.6 A grande tática: infecção viral <i>woke</i>	49

3. CONTRA O ESTRATAGEMA WOKE	53
3.1 Como identificar a armadilha woke antes que seja tarde demais	53
3.2 O combate ao estratagema woke: abordagens gerais.	57
3.3 Identificando aliados	63
3.4 Do contato ao trabalho em conjunto para deter o estratagema woke.	68
3.5 A coordenação com aliados para combater o estratagema woke	70
3.6 Semeando dúvida sobre a perspectiva da Justiça Social Crítica.	73
3.7 Formalizando reuniões	79
3.8 Estratégias para facilitar a dissidência do estratagema woke	81
3.9 Voto secreto para combater o estratagema woke	83
3.10 Certifique-se de que a votação secreta seja transparente, livre e justa.	86
3.11 Como ganhar uma votação	88
Conclusão	90
Agradecimentos	92
Referências bibliográficas	93
Notas	95

PREFÁCIO

A civilização ocidental está sendo colonizada ideologicamente. Na verdade, ela está próxima de ser colonizada ideologicamente, e só agora, com esse processo em estágio avançado, as pessoas estão despertando para o fato. Um vasto movimento ideológico assumiu sorrateiramente o controle da maioria das instituições mais nobres e vitais da nossa sociedade, entre as quais a educação e as universidades. As pessoas em quase todos os setores da vida se sentem com frequência paralisadas e indefesas agora que essa ideologia está em voga e exerce o poder institucional que tomou.

Dar o nome correto a essa ideologia é difícil. O nome derivado da sua própria literatura — “Justiça Social em Perspectiva Crítica” — é provavelmente o mais refinado; por outro lado, o nome “Construtivismo Crítico” é mais preciso. Porém a maioria de nós emprega uma gíria para essa ideologia: *woke*. A palavra diz respeito a ser “acordado” ou “despertado” para as supostas verdades da “dinâmica do poder sistêmico” que organiza a sociedade. Essas supostas dinâmicas de poder seriam responsáveis pela criação do que os sociólogos chamam de “estratificações” na sociedade, algo semelhante a classes altas e baixas (dependendo de quem tem “privilégios” e de quem é “oprimido” por diversas dinâmicas de poder), como racismo sistêmico (ou supremacia branca), sexismo sistêmico (ou patriarcado ou misoginia), cis-heteronormatividade, e assim por diante. Certa desonestidade também está presente nessa argumentação, pois muitas vezes se recorre a um jargão técnico denso para descrever as dinâmicas de poder, e as palavras usadas parecem um tanto distorcidas e distantes do seu significado original. O espírito marxista dessa argumentação — que vê essas dinâmicas como estruturas e locais de conflito obrigatório — também é óbvio, mas é difícil de especificar.

A ideologia *woke* (denominação que usaremos aqui) parece ter despontado nos últimos anos, por isso a maioria das pessoas ignora o fato de que ela tem (dependendo de como se conta) história e trajetória de cem ou duzentos anos

buscando derrubar o sistema organizacional das sociedades ocidentais liberais. Colonizar e mudar as instituições desde seu interior e depois usá-las contra a própria sociedade que as produziu é uma estratégia deliberada empregada pelo menos desde os anos de 1920, quando o teórico comunista albanês-italiano Antônio Gramsci começou a esquematizar as ideias que na década de 1960 foram denominadas “a longa marcha pelas instituições” (por outro pensador marxista, Rudi Dutschke). Ou seja, a maioria das pessoas — incluindo as que estão despertando para a realidade dessa tomada de poder ideológica — permanece perigosamente alheia ao fato de que a ideologia *woke* é o auge de uma longa série de planos que nos últimos anos, enfim, tem produzido frutos, sobretudo por meio da sua silenciosa tomada do poder institucional.

Tendo em vista que a ideologia *woke* se baseia em planos estratégicos desenvolvidos, testados e utilizados de maneira sistemática no decorrer de um século pelo menos, é preciso reconhecer e compreender que ela possui táticas, especialmente para se introduzir sutilmente nas instituições e se apoderar delas a partir de dentro. Essas táticas, que incluem manipulações sutis e estratégicas e o controle de posições influentes e da elaboração de políticas, podem ser mercidamente chamadas de manobras *woke*, da mesma forma que a espionagem recorre a instrumentos e táticas que chamamos de “manobras de espionagem”. A boa notícia é que essas táticas, ainda que complicadas e enganosas, são compreensíveis, previsíveis e podem ser enfrentadas; e este livro, preparado por Charles Pincourt com a minha ajuda, é uma contribuição de grande valor para que se possa entender, identificar e, em última análise, combater as manobras *woke* onde quer que elas se manifestem, sobretudo em centros de poder institucional.

Pincourt é um acadêmico, e o seu ambiente é a universidade; por isso este útil manual de campo é adaptado para essa instituição, na qual hierarquias administrativas e políticas e comitês comandam. Porém as lições contidas neste pequeno livro se universalizam de imediato, e podem ser aplicadas ao longo da vida em qualquer ambiente corporativo, administrativo ou em outra política burocrática que seja relevante — governo, ensino fundamental e médio, mundo corporativo, igrejas e até grupos formais de afinidade e de *hobby*. Isso faz deste manual de campo uma contribuição de grande importância neste momento em que as pessoas estão prontas e ansiosas para combater a ideologia *woke* se valendo de todos os meios legais.

No primeiro capítulo, você encontrará uma definição clara e útil da ideologia *woke* e entenderá como essa ideologia enxerga o mundo. Isso o ajudará a entender a ideologia *woke* o bastante para poder determinar o que ela é e por que faz o que faz. No segundo capítulo, fornecemos uma descrição completa de diversas táticas do estratagema *woke* em ambientes administrativos. Os leitores serão

preparados para identificar as táticas de manipulação *woke* em tempo real e serão dotados de meios para repelir essas táticas ou anulá-las. No terceiro capítulo, são oferecidas contraestratégias que lhe permitirão evitar ser novamente ultrajado pela ideologia *woke* e recuperar terreno institucional já tomado por essa ideologia. Este trabalho como um todo é de leitura fluente, objetiva e extremamente útil na atual conjuntura das sociedades ocidentais.

É minha esperança, e de Charles também, que este pequeno e acessível volume chegue ao maior número possível de mãos e seja útil para descolonizar as nossas instituições, isto é, para remover delas a ideologia *woke* e as influências do estratagema *woke* e reconstruir os valores liberais. Este guia foi feito para as pessoas que buscam entender melhor a ideologia *woke* — Justiça Social em Perspectiva Crítica — e combatê-la.

JAMES LINDSAY

INTRODUÇÃO

Sou professor de uma grande universidade norte-americana. Escrevo este manual sob o pseudônimo de Charles Pincourt. Escrevo porque estou perplexo com a situação das universidades. Eu gostaria de ajudar as pessoas a compreenderem o que há de errado com nossas universidades e de mostrar a elas, pelo menos às que forem acadêmicas, como podem reverter essa situação. Criei um blog em outubro de 2020. Este livro, ou manual, é uma compilação de postagens reformuladas do meu blog desde o seu início até abril de 2021. O objetivo deste manual é ajudar aqueles que estão preocupados com o panorama, mas que não estão muito familiarizados com a questão; aqueles que percebem que há algo errado, mas não têm base para entender e resistir à Justiça Social em Perspectiva Crítica (ou Justiça Social Crítica) que tem assumido o comando das universidades.

Embora este manual se destine a acadêmicos em ambiente acadêmico, acredito que grande parte dele possa ser aplicada para outros ambientes de trabalho. A disposição de James Lindsay de colaborar com esta obra e apoiá-la mostra que ele também acredita que ela seja relevante fora do ambiente universitário. Eu me concentro no ambiente universitário porque é o que eu conheço. O livro se baseia em um grande número de pesquisas sobre a perspectiva e o movimento da Justiça Social Crítica. Baseia-se também em minha experiência acadêmica e minha visão em relação ao fato de os defensores da Justiça Social Crítica promoverem sua causa na universidade.

O objetivo é ajudar os interessados a entenderem o ponto de vista da Justiça Social Crítica (o que a motiva), a identificarem quando e como ela faz investidas e a resistirem e impedirem-na de se apossar do seu departamento, da faculdade ou da universidade. Muitos diriam que é tarde demais. Embora tenham acontecido muitas investidas, a tomada de poder ocorreu em grande parte no âmbito das artes plásticas, das humanidades e na maior parte da área de ciências sociais. Nessas disciplinas, será difícil reverter esse estado de coisas, mas não é tarde demais para proteger as faculdades de ciências, de engenharia e de administração.

1. ENTENDENDO O WOKE

1.1 O QUE É WOKE?

Woke é um termo que se aplica a uma visão de mundo e também às pessoas que são iniciadas nessa visão de mundo e a ela aderem. Essa concepção de mundo é conhecida sob mais de um nome: Perspectiva Crítica, Justiça Social e Justiça Social Crítica (JSC). Ela é descrita na Seção 1.2 mais adiante. Trata-se de um amálgama da teoria crítica e da teoria pós-moderna. A palavra “woke” (passado simples do verbo “wake”, “acordar”) pretende significar “acordado” para a visão de mundo da Justiça Social Crítica.

Embora esse termo derive da perspectiva da Justiça Social Crítica e seja usado com orgulho como um nome de autoidentificação, ele é empregado de modo pejorativo entre os críticos da JSC. Reluto em usá-lo em virtude das suas conotações pejorativas. Por outro lado, é difícil encontrar outro termo que seja tão sucinto e fácil de compreender. Por isso, farei uso dessa palavra ao longo do livro, embora com relutância. A definição que darei para “Woke” é esta: pessoas que têm consciência da perspectiva da Justiça Social Crítica e que aderem a ela.

1.2 A VISÃO DE MUNDO WOKE

A visão de mundo *woke* abarca na realidade muitas teorias diferentes relacionadas à desigualdade entre grupos distintos na sociedade. Desse modo, o termo abrange Teoria Crítica da Raça, Teoria *Queer*, Teoria Pós-Colonial e Estudos sobre o Obeso, para mencionar alguns dos principais. A maior diferença entre as diversas abordagens ligadas à Justiça Social Crítica de fato diz respeito ao grupo no qual as teorias se concentram. A Teoria Crítica da Raça foca os negros, a Teoria *Queer*

foca pessoas não cisgênero, a Teoria Pós-Colonial foca os povos colonizados ou previamente colonizados, e assim por diante.

A literatura da Justiça Social Crítica (*woke*) é vasta. A grande maioria dessa produção é bastante técnica; assim, até mesmo livros de teor geral (como o de BEST, 1991) sobre o assunto são densos e de difícil entendimento para o leitor comum. De mais a mais, os trabalhos sobre o tema são em sua maioria escritos por acadêmicos que se associam à perspectiva *woke*, o que dificulta a compreensão desses textos. Recentemente houve algumas tentativas de descrever o movimento de Justiça Social Crítica sob outra perspectiva, mas dentro do âmbito universitário (por exemplo, HICKS, 2011) e sob outra perspectiva e fora do âmbito universitário (como PLUCKROSE e LINDSAY, 2020). Constatei que as *Teorias cínicas* são as melhores que eu já conheci, sobretudo devido à sua capacidade de agregar as diversas tendências da Justiça Social Crítica, bem como de produzir uma meta-análise extraíndo os elementos essenciais que unem as tendências. Por isso adoto (e adapto) o sistema de Pluckrose e Lindsay para entender a visão de mundo *woke*.

Mas qual é a perspectiva *woke*, afinal? Há em última análise três princípios fundamentais que aglutinam as muitas formas diferentes de *woke*: o princípio do conhecimento, o princípio político e o princípio do sujeito. Os dois primeiros princípios foram cunhados por Pluckrose e Lindsay em *Teorias cínicas*. Eu cunhei o terceiro (PINCOURT, 2021b). O princípio do conhecimento contém alguns elementos importantes. O primeiro deles é que, embora a própria realidade não seja negada nem questionada, acredita-se que seja impossível conhecermos a sua verdadeira natureza. É impossível que conheçamos a verdadeira natureza da realidade porque qualquer conhecimento que acreditemos ter é na verdade apenas “socialmente construído”, definido (por meio da linguagem) pela cultura na qual vivemos. É crucial para esse princípio o fato de que culturas diferentes têm diferentes entendimentos acerca da natureza do mundo. Depois que examinarmos o princípio político, a importância desse último aspecto ficará mais clara.

Segundo o princípio político, o conhecimento não é construído apenas socialmente, mas é também construído por grupos opressores na sociedade à custa de grupos oprimidos. O conhecimento é construído mediante a linguagem cujas regras são também estabelecidas por grupos com poder para fazer isso, ou seja, grupos opressores. Além do mais, o conhecimento é construído de maneira a ajudar a manter a função opressiva dos grupos opressores e a impedir que os grupos oprimidos se libertem da sua opressão.

Esse pensamento leva a entender que não apenas todo conhecimento é construído socialmente como também é, por definição, tendencioso e não pode ser

uma representação exata da realidade. Somado ao fato de que diferentes culturas têm diferentes entendimentos da natureza do mundo, isso significa que nenhuma visão de mundo é mais dominante do que outra. Dessa maneira, todas as visões de mundo se equivalem (do ponto de vista epistêmico) quanto à capacidade de conhecer qualquer coisa a respeito da realidade e simplesmente correspondem a diferentes “histórias” sobre a realidade. Assim, por exemplo, a visão de mundo científica não tem maior crédito para compreender a realidade do que qualquer outra “história”. Em outras palavras, uma concepção de mundo científica não é mais legítima do que uma concepção de mundo religiosa; não é mais legítima nem mesmo do que uma concepção de mundo supersticiosa. Além disso, a concepção de mundo científica (desenvolvida por homens europeus brancos) constrói o conhecimento sobre a realidade de modo a perpetuar sistemas opressivos que beneficiam homens europeus brancos opressores. Disso se conclui que até os recursos utilizados para compreender o mundo segundo a concepção científica, tais como lógica, argumento, evidência, hipótese, experimentos controlados etc., servem para perpetuar a opressão.

De acordo com o princípio do sujeito (PIN COURT, 2021b), os indivíduos são definidos principalmente por sua identidade de grupo (branco, feminino, negro, europeu, cisgênero etc.), o que significa que eles estão sujeitos ao seu grupo identitário na sociedade — motivo pelo qual dou a isso o nome de princípio do sujeito (é assim que os adeptos do pós-estruturalismo, também conhecido como (alto) pós-modernismo, frequentemente se referem aos indivíduos, isto é, como sujeitos). Isso sugere que as pessoas são opressoras ou oprimidas segundo o grupo/grupos com os quais se identificam. Sugere também que as pessoas se comportam principalmente segundo a identidade do grupo e (juntamente com o princípio político) que o seu comportamento reforça e ajuda a perpetuar de maneira inconsciente os sistemas opressores que as cercam. As pessoas brancas, por exemplo, simplesmente não podem deixar de se comportar de forma a perpetuar a sua opressão sobre pessoas não brancas na sociedade. É importante observar que também significa que pessoas negras se comportam de modo a perpetuar a sua opressão, embora de uma perspectiva diferente, e que é um dos motivos pelos quais eles se comportam de modo diferente dos brancos.

Uma consequência desse princípio é que, tendo em vista que o comportamento individual é definido pela identidade de alguém, os indivíduos são responsáveis por atos associados a qualquer identidade à qual estejam ligados. Sendo assim, os atos opressores de um integrante de um grupo são os atos opressores de todos os membros desse grupo. Por fim, essa responsabilidade tem aplicação através do tempo. O ato opressivo do integrante de um grupo em dado

momento pode ser atribuído a uma identidade de grupo (e aos seus integrantes) em outro momento.

Considerando tudo, podemos deduzir que, segundo a concepção de mundo *woke*, a realidade... é um grande lixo. Temos uma realidade habitada por sujeitos individuais com pouca autonomia pessoal levados a se comportarem de acordo com os seus grupos de identidade. Os grupos e os sujeitos que os integram ou são opressores ou são oprimidos, e todos, conscientemente ou não, comportam-se no sentido de perpetuar os padrões de opressão — minha nossa!

1.3 O ÉTHOS WOKE

Compreender o avanço da Justiça Social em Perspectiva Crítica nas universidades da América do Norte é difícil sem que se compreenda o éthos (crenças orientadoras) *woke*. O éthos está intimamente ligado à visão de mundo *woke*. Quando uma pessoa adere à macabra visão de mundo *woke* e é particularmente sensível aos fundamentos morais de cuidado/dano (ver HAIDT, 2012) — característica dos que são da esquerda política —, a ética se volta naturalmente para a oposição à opressão.

Tendo em vista (de acordo com a Justiça Social Crítica) que a opressão e as estruturas opressivas impregnam toda a nossa existência, muitas são as oportunidades para a oposição à opressão. Além de existirem muitas oportunidades para fazer isso, um aspecto importante do éthos é o fato de ser preciso se opor energeticamente a ela. Mais recentemente, a necessidade de fazer oposição à opressão foi substituída pela ideia de que você é cúmplice da opressão se não se opuser a ela.

O zelo e o fanatismo desse movimento nas universidades chamam a atenção. O fervor gerado pelo movimento, a necessidade moral de fazer oposição à opressão e o ceticismo e a relatividade epistêmica radical têm consequência lógica na universidade moderna: ativismo. Com efeito, o éthos *woke* considera o ativismo uma função legítima e fundamental para um acadêmico.

Nos dias de hoje, não são poucos os exemplos dessa “oposição à opressão” e do ativismo acadêmico, seja por meio de protestos da Antifa ou da Black Lives Matter, da desplataforma de pessoas com perspectivas incompatíveis com a Justiça Social Crítica ou o cancelamento de professores universitários por empregarem palavras consideradas inaceitáveis. No âmbito da universidade e do corpo docente, esse éthos é baseado na transferência da importância dos meios marxistas de produção para os meios neomarxistas de produção cultural ou epistêmica; do chão de fábrica à torre de marfim. Também está intimamente ligado à noção de Dutschke da “longa marcha através das instituições”.

Na verdade, a oposição à opressão nas universidades serve a dois objetivos. O primeiro deles é livrar as universidades de visões de mundo antiquadas concebidas por homens europeus opressores que buscam perpetuar o próprio privilégio. O segundo objetivo é substituir esses homens por pessoas que se aliem à perspectiva da Justiça Social Crítica. Assim sendo, e considerando que as universidades estão altamente impregnadas pela opressão (cada pessoa, cada programa, cada classe, cada processo administrativo), há um número infinito de “lugares” de opressão a partir dos quais é necessário fazer oposição. Em decorrência disso, praticamente cada interação, cada função deve ser desafiada, problematizada e reprovada. É por isso que o professorado *woke* tentará fazer oposição, impedir e coagir nos moldes da Justiça Social Crítica tudo sobre o qual possam ter influência — ou seja, todos os planos de estudos, todos os programas de curso e todos os procedimentos administrativos.

Considerando a importância de controlar os meios de produção cultural e epistêmica, a contratação de um professor é a recompensa mais desejável e um ato que muitas vezes leva a um conflito mais intenso. Serão empregados todos os meios para assegurar que um professor *woke* seja contratado, e para garantir que um bolsista não *woke* não seja matriculado. Essa oposição tem galgado degraus na hierarquia e na burocracia da universidade, em departamentos, faculdades, administrações universitárias, jornais, associações disciplinares, agências governamentais de financiamento e departamentos do governo.

1.4 A OPRESSÃO É UMA SEQUÊNCIA CONTÍNUA

A seção 1.3 descreveu a crença da Justiça Social Crítica de que a opressão está em todos os lugares. Contudo, o fato de estar em todos os lugares não implica que toda opressão seja igual. A opressão pode ser vista de maneira agregada ou desagregada. Considerar a opressão de maneira desagregada envolve levar em conta a quantidade de opressão numa dada ação.

A quantidade de opressão em dada ação pode ser vista em uma sequência contínua. A sequência contínua de opressão desagregada pode ser vista como uma variedade de atos, em linhas gerais insultos relativamente sem importância (microagressões) até discriminação salarial, tortura, violência, violência sexual e homicídio/genocídio. Pode-se considerar que atos individuais de opressão indiquem formas de opressão mais gerais e abrangentes, porém a opressão de atos individuais pode em última análise receber classificação.

Evidentemente, as pessoas não experimentam um único ato de opressão apenas, elas são tipicamente vistas experimentando (muitos) atos diferentes de opressão. Em consequência disso, a opressão é mais tipicamente vista como agregada. O nível total de opressão agregada pode também ser visto numa sequência contínua. A quantidade de opressão que afeta diferentes grupos pode ser resumida segundo várias características diferentes de identidade de grupo, tais como sexo, cor da pele, gênero, orientação sexual, capacidade auditiva, e assim por diante.

Dessa maneira, as mulheres sofrem determinada quantidade de opressão, e os negros sofrem outra opressão. Além do mais, as identidades (e a opressão portanto) podem se sobrepor. Assim, a mulher negra sofre a opressão de ser mulher e também a opressão de ser negra. E, além de tudo isso, uma mulher negra experimenta a opressão de ser uma mulher negra. Trata-se de um tipo especial de opressão que se soma à opressão sofrida por ser apenas negra e por ser apenas mulher. Afirma-se, então, que para entender e avaliar a opressão é necessário levar em conta a “interseção” das identidades (e da opressão) para qualquer indivíduo (Crenshaw, 1990).

As identidades podem ser combinadas em uma “matriz de opressão”. As matrizes de opressão podem ser utilizadas para a compreensão e a avaliação da opressão que um indivíduo sofre de acordo com sua sobreposição de associação a grupos. É claro que existem alguns grupos de pessoas que não sofrem opressão, mas experimentam o contrário: o privilégio. Considera-se que brancos, homens e heterossexuais não experimentam opressão, mas sim privilégio. Desse modo, pode-se enxergar a opressão numa sequência contínua com os mais oprimidos encontrando-se na interseção de muitas identidades de diferentes grupos oprimidos (por exemplo: indígenas, mulheres, lésbicas). No extremo oposto estão aqueles com interseções de privilégio, como homens brancos heterossexuais. Cada indivíduo pode ser encontrado ao longo da sequência contínua da opressão. A Figura 1.1 mostra um esquema dessa sequência. As identidades e a localização na sequência contínua de opressão apresentadas aqui são sugestivas e não necessariamente definitivas.

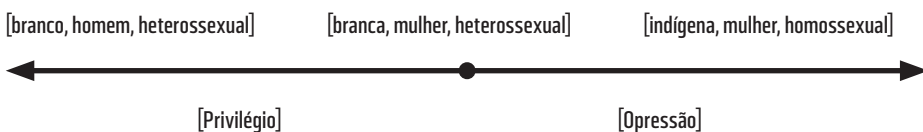


Figura 1.1: Esquema estilizado da sequência contínua de privilégio e opressão.

1.5 O PROJETO POLÍTICO WOKE

A concepção de mundo e o éthos *woke* ganharam consistência por meio do projeto político da redistribuição compensatória de recursos de acordo com a identidade de grupo conhecido como “equidade”. A redistribuição busca avançar fluindo de grupos “opressores” para grupos historicamente “oprimidos”.

O projeto de “equidade” não costuma ser apresentado dessa forma. É mais comum que a redistribuição de recursos segundo a identidade do grupo seja apresentada como “justa” a fim de que desequilíbrios históricos sejam “corrigidos”. Assim, sua justificativa reside na sugestão de que o objetivo será alcançado quando os desequilíbrios forem corrigidos. Os próprios desequilíbrios podem ser avaliados com base em um sem-número de critérios: cátedras, financiamento para pesquisas, citações etc.

Isso significa, por exemplo, que as cátedras juntamente com todas as áreas em que podem ser classificadas (universidade, faculdade, departamento, disciplina etc.) devem ser destinadas a diferentes grupos de identidade de acordo com sua representação em determinada população-alvo. O alvo muitas vezes não é especificado, mas quando o é pode ser a população nacional, a estadual ou a universitária. Na prática, isso implica que 51% das cátedras em todos os departamentos devem se destinar a mulheres, 13% (nos Estados Unidos) devem se destinar a negros, e assim por diante. Desviar-se dessa meta em qualquer dimensão é considerado sinal de intolerância, de acordo com o grupo identitário em questão (sexista se for em relação à cota de mulheres, racista se for em relação à cota de negros etc.) Contudo, cada vez mais o objetivo de reparar desequilíbrios históricos abre caminho para a desforra. Há grande evidência disso em todo o universo acadêmico na América do Norte, já que as universidades não procuram mais alcançar as metas, mas sim superá-las. Por exemplo, o plano estratégico da Universidade Lehigh para a diversidade, a equidade e a inclusão busca “satisfazer ou exceder a diversidade da faixa demográfica nacional para o grupo docente contratado no próximo período de cinco anos”.¹ Também a Universidade Carleton, do Canadá, tem como objetivo “atingir e superar continuamente todas as metas de justiça nas contratações”² para seus cargos de cátedras de pesquisa com financiamento do governo federal.

1.6 TIPOLOGIA DOS PARTICIPANTES RELACIONADOS AO WOKE

Universidades são compostas de estudantes, corpo docente, equipe de funcionários e administradores. De diversas maneiras, todos eles têm participação nas decisões que afetam a administração de uma universidade. O corpo docente desempenha o papel mais importante e tem maior influência, pois tem muito tempo de existência e se encontra em vários níveis hierárquicos da universidade, incluindo a maioria dos postos administrativos. Falaremos aqui dos membros das comunidades universitárias que podem ter influência como “participantes” nas decisões, na política e no controle da universidade. No que diz respeito à influência da perspectiva *woke*, os participantes podem ser classificados dentro de seis categorias: os *woke*, os admiradores do *woke*, os oportunistas, os dissidentes, os potenciais dissidentes e os não iniciados.

1.6.1 OS WOKE

Os *woke* são pessoas conscientes da perspectiva da Justiça Social Crítica e que aderem a ela. Aderir à Justiça Social Crítica significa também que concordam com ela. Sendo assim, essa definição tem três dimensões, e as dimensões são as seguintes: conhecimento, consciência de adesão e consentimento com a perspectiva da Justiça Social Crítica.

Na maior parte das vezes, os *woke* vêm das áreas de artes plásticas, de humanidades ou de ciências sociais, ambientes nos quais foram introduzidos, treinados e radicalizados pela perspectiva da Justiça Social Crítica. Restam ainda alguns setores das ciências sociais que não foram totalmente incorporados à perspectiva da Justiça Social Crítica (por exemplo, economia, algumas subdisciplinas quantitativas de psicologia, ciência política e filosofia), portanto alguns participantes dessas áreas não são *woke*.

1.6.2 OS ADMIRADORES DO WOKE

Os admiradores do *woke* não são treinados na Teoria Crítica da Justiça Social e não têm familiaridade com ela. Alguns deles são completamente alheios a essa teoria, enquanto outros podem saber da sua existência, mas não sabem muito mais do que isso. Embora os admiradores do *woke* pouco saibam a respeito da Justiça Social Crítica, eles aderem à perspectiva e concordam com ela, ou com os seus critérios, pelo menos. Por exemplo, os admiradores do *woke* concordarão integralmente com

iniciativas relacionadas a “diversidade, equidade e inclusão”, tais como ações afirmativas e reparações. Eles também costumam concordar com doutrinas como o racismo sistêmico (e acreditar nelas) e apoiam os avanços do *woke*. Politicamente, eles se alinham com a (extrema) esquerda, são coletivistas e intervencionistas em suas perspectivas e com frequência são anticapitalistas. Os admiradores do *woke* tendem a vir das ciências naturais ou de outras disciplinas quantitativas, sobretudo aquelas com vocação ambiental, tais como ciências ambientais, ciências climáticas etc.

Os professores dessas disciplinas estão inclinados a ser admiradores do *woke* por três motivos. Em primeiro lugar, na maioria das vezes eles são bem-intencionados. Eles apoiam a “justiça social” e não percebem nem entendem a diferença entre a justiça social tradicional e a Justiça Social Crítica. Eles acreditam que a Justiça Social Crítica defende a evolução virtuosa da justiça social desenvolvida por pessoas (estudiosos) que concentraram sua atenção nela.

Em segundo lugar, especialmente para professores com vocação ambiental, as perspectivas da Justiça Social Crítica e as ambientais se encaixam em diversas questões, particularmente no que toca à torpeza moral da sociedade capitalista ocidental e liberal. Tal associação raras vezes tem motivação teórica, pois os admiradores do *woke* não têm de fato um cânone teórico que se compare à Justiça Social Crítica, em virtude do seu treinamento dominado pelas ciências naturais. Tendo em vista que é um comportamento teoricamente motivado, é provável que tenha havido influência de vários tons de marxismo “vermelho e verde” (ver, por exemplo, BAHRO, 1984; BOOKCHIN, 1982) ou do catastrofismo ambientalista “científico” (como Carson, 2002).

Em terceiro lugar, os admiradores do *woke*, bem como os próprios professores *woke*, costumam ser “voltados para a ação” — isto é, eles creem ter uma grande vocação moral e ativista. O resultado disso é que, embora muitas vezes sejam treinados em campos científicos (ou quantitativos) positivistas, eles ficam desorientados porque a ciência é amoral. Em virtude da força de suas próprias convicções (ambientais), eles podem ser convencidos de que o rigor científico ou a coerência lógica e argumentativa podem ser atenuados em prol de uma causa importante e urgente.

É importante ficar atento aos admiradores do *woke*. Para começar, é comum acreditar que pessoas com formação em ciências sejam menos suscetíveis aos encantos da Justiça Social em Perspectiva Crítica. Contudo, a verdade é que essas pessoas podem com facilidade aderir a essa corrente e concordar com ela, mesmo sem ter muito conhecimento a respeito. Dessa maneira, elas podem manter o equilíbrio de poder nas situações, permitindo assim que a Justiça Social Crítica avance. É fundamental reconhecer isso ao entender como lidar com a dinâmica das situações e (como veremos mais à frente, na Seção 3) como repelir as investidas do *woke*.

Dada a sua tendência de concordar com a perspectiva da Justiça Social Crítica, de apoiar as investidas da JSC e sua fachada “científica”, os admiradores do *woke* são também a vanguarda involuntária da Justiça Social Crítica nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Eles, portanto, representam a maior ameaça às áreas que ainda não foram dominadas pela perspectiva *woke*. Além disso, em virtude da sua formação científica (embora eu não tenha visto isso na prática), acredito que eles possam ser levados a reconhecer que a perspectiva da Justiça Social Crítica é uma ameaça à ciência, tornando-se assim potenciais dissidentes do *woke* (ver PINCOURT, 2021a para um ensaio que trata exatamente disso).

1.6.3 OS OPORTUNISTAS

Oportunistas são participantes que podem ou não ter conhecimento da perspectiva da Justiça Social Crítica e que podem ou não concordar com ela. Porém eles se associam a ela e a defendem, ou pelo menos não a contestam. Esses participantes parecem pensar que a perspectiva da Justiça Social Crítica predominará no futuro e não querem ficar em situação desfavorável por não a apoiarem. Há oportunistas em todas as disciplinas, mas eles são mais comuns nas de negócios, engenharia e outros campos do CTEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática). São menos comuns nas artes plásticas, nas ciências sociais e nas humanidades, principalmente porque os participantes dessas disciplinas são *woke* em sua ampla maioria. Na maior parte das vezes, não se pode esperar que oportunistas ajudem a deter a Justiça Social Crítica, exceto, talvez, no contexto do voto secreto (ver Seção 3.9).

1.6.4 OS DISSIDENTES DO WOKE

Dissidentes são aqueles que conhecem a perspectiva da Justiça Social Crítica (ou têm consciência dela), mas não aderem a ela, discordam dela e trabalham ativamente contra ela. Poucas pessoas das áreas CTEM possuem conhecimento significativo da Teoria Crítica da Justiça Social, por isso os dissidentes são principalmente das artes plásticas, das humanidades e das ciências sociais. Eles são minoria nessas disciplinas e podem advir de todo o espectro político. Porém, cada vez mais dissidentes surgem das áreas de negócios e CTEM, pois a Justiça Social Crítica vem fazendo avanços nesses campos.

Eu emprego a palavra “dissidente” em virtude de uma característica da própria perspectiva da Justiça Social Crítica, e porque a nossa cultura é cada vez mais influenciada pelas normas e regras da JSC, as quais as pessoas não estão autorizadas a

questionar. O cancelamento, a desplataforma e a invalidação atuais da dissidência da perspectiva da Justiça Social Crítica se assemelham aos relatos da anulação da ideologia contrarrevolucionária na União Soviética, conforme descreveu Aleksandr Soljenítsin (entre outros). Soljenítsin estava ligado a pessoas na antiga União Soviética que criticaram e agiram contra a ideologia soviética, mencionadas coletivamente como dissidentes.

1.6.5 OS DISSIDENTES EM POTENCIAL

Os dissidentes em potencial podem ou não saber sobre a perspectiva da Justiça Social Crítica. Caso saibam, seria de forma apenas superficial. O mais importante, contudo, é que eles provavelmente discordarão da perspectiva da JSC instintivamente, considerando-a ilógica e inerentemente contraditória. É provável que eles também achem as suas normas nocivas para a busca por conhecimento e para a ciência de modo geral. Dissidentes em potencial são encontrados mais frequentemente nas áreas STEM e em escolas de negócios. Eles também representam a maior esperança de resistir ao total domínio da perspectiva da Justiça Social Crítica nas universidades — sobretudo se puderem ser convertidos em dissidentes rematados.

1.6.6 OS NÃO INICIADOS

Eu devo mencionar a categoria de “não iniciados” algumas vezes ao longo deste livro. Essa categoria não é mutuamente exclusiva. Ela inclui todas as pessoas que não estão familiarizadas com a perspectiva da Justiça Social Crítica e que não concordam com ela. Inclui também oportunistas e dissidentes em potencial, mas não os admiradores do *woke*.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2024